

FRAG MENOS

Mara Gatti

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

PARTE I

OS CARVALHO

CAPÍTULO 1

Descerrou a cortina de tecido grosso que mantinha o quarto na penumbra sem anunciar o amanhecer. Contemplou por um instante as montanhas e vales nos quais o verde se mostrava em todas as suas nuances. Buscara aquela paisagem nesta nova fase, fase do reencontro.

Sentiu o friozinho da manhã no rosto, lembrando que ela estava viva, mesmo que durante muito tempo não tenha sido este o desejo dela. Ela sabia que precisava daquele clima, daquela paisagem para se reconectar com quem era.

“De certa maneira, eu era uma sobrevivente do chorume que invadiu fases de minha vida. Constitui-me na escuridão fantasmagórica que me acompanhou por anos e pelas diversas camadas nas quais fui me desenvolvendo: em cada camada um medo, um sufocamento, uma angústia, uma dormência, uma culpa, um fingimento. Agora que cada camada foi, se não minuciosamente examinada, ao menos trabalhada, na psicoterapia, no atendimento psiquiátrico, nos dias e noites dedicados ao autoconhecimento, então, sim, era hora de me reencontrar.”

Desceu as escadas de madeira, foi até a cozinha, fez um café, cortou uma fatia de pão (que o marido lhe trouxera na última visita – fazer pães era o seu novo hobby) e uma fatia de queijo local. Esse foi seu café da manhã, que tomou na

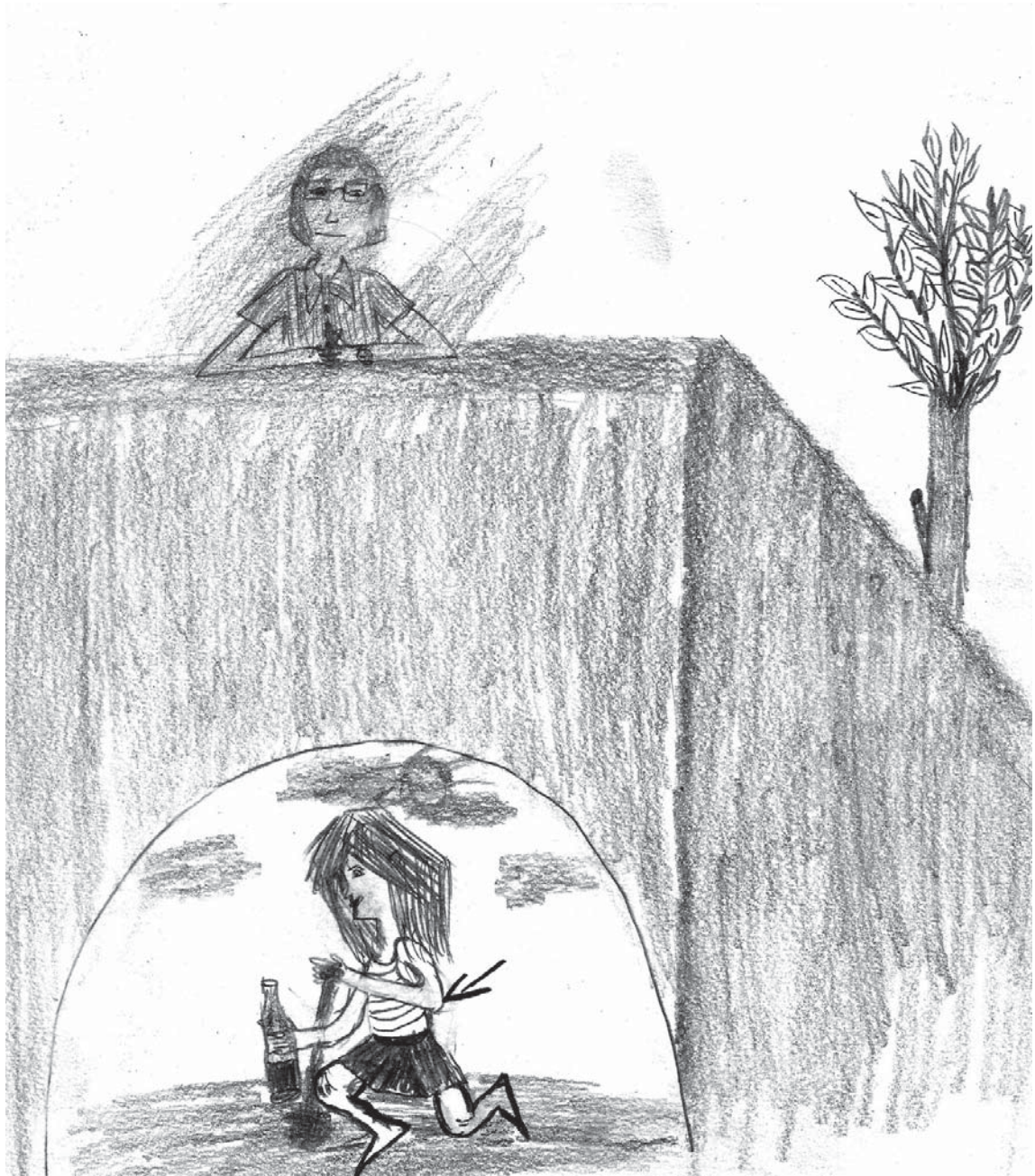
mesa da varanda externa, onde batia o sol da manhã, numa carícia morna, suave e desejável. Era o pensamento que lhe ocupava: carícia é algo que precisa ser desejado!

“Subi novamente e reuni sobre a cama tudo aquilo que havia produzido durante aquela jornada. Minha fala interna, que às vezes eram sussurros, outras vezes gritos. Estava tudo ali, registros feitos em momentos distintos, alguns como desabafo, outros como conversas, uns em momento de plena crise de ansiedade – descrições perfeitas desses momentos tormentosos – outros em momentos de angústia enquanto lágrimas deixavam seus rastros em meu rosto, outros ainda como despedida, quando todo e qualquer recôndito do meu ser desejava o não existir, o partir para o desconhecido, a queda sem volta no abismo daquilo que chamamos morte. Não sabia ainda por onde começar:

Qual é o começo? Ele está na minha ancestralidade, no primeiro Carvalho que deu origem à família? No útero materno? No pós-parto? Ou comecei quando descobri que o peito, a mãe e eu não formávamos algo único? A mãe e o peito se iam, eu ficava.

Ou comecei naquele instante que ficou gravado em mim como primeira lembrança. Se for assim, eu comecei enchendo uma garrafa com areia no quintal.

Quando a gente começa? A primeira vez que sofre? Será que eu comecei junto com meu trauma? Ou comecei depois, quando tive consciência de que aquilo não podia estar certo? Era escuro, escondido, dava medo e mais tarde nojo, pavor e me paralisava... Ou comecei quando percebi que poderia reagir e impedir e mesmo assim, demorei anos para fazê-lo? Essa demora foi a dor que me atormentou, foi minha tortura diária: garotinha burra, estúpida, você poderia ter acabado



com tudo quando ele lhe ensinara a nova brincadeira com os corpos bem próximos, fazendo movimentos, que para você era uma dança. Devia ter desconfiado, pois mesmo na clareza do dia, totalmente vestidos, a brincadeira se deu longe dos outros, quando estavam totalmente sozinhos, e você nunca vira outras pessoas brincando assim.

Você não reagiu, não gritou, nem mesmo o empurrou. Ele deve ter pensado ‘tudo bem, ela gosta’ (essa conclusão que atribuo a ele, me traz uma dor como se chagas purulentas estivessem espalhadas por todo meu corpo e purgassem todas ao mesmo tempo. Nada era digno de ser gostado, era uma invasão total não só do meu corpo, mas do meu espírito, cada nova investida eram espinhos que me perfuravam a alma).

Você ficava imóvel, petrificada, era como se fingisse não existir. Se você não existia, então nada estava acontecendo, mas lamento te informar que ficar imóvel não é reação, é falta dela e não leva o outro à desistência.

Precisei ouvir inúmeras vezes do Alexandre, do Heitor, da Sophia: ‘você não reagiu porque não tinha condições para isso, inicialmente por ser apenas uma criança e criança não tem condições estruturais para reagir, não tem condições de relatar, pois tudo é muito distante do seu momento de infância, você reagiu quando foi possível.’

O Alexandre sempre dizia:

— Sarah você foi forte quando reagiu, você se protegeu sozinha e se saiu muito bem.

“Será que começamos na primeira paixão? Então meu começo foi sufocante, pois foi isso que fiz com qualquer possibilidade real de paixão. E demorei para começar. Será que comecei quando descobri que poderia ser uma mulher bonita, amada e desejada... Ou comecei com meu primeiro

amor? Ou quando carreguei no ventre uma filha? Ou quando esta nasceu? Comecei no divã da psicoterapia e nas longas conversas com o psiquiatra? Não, não sei precisar meu começo, talvez eu esteja começando agora...”

Começou a folhear o que tinha de material: textos, desenhos, áudios, mensagens trocadas com amigos, terapeutas, médico, algumas fotografias. Enfim, tudo que foi juntando durante sua jornada.

“Era ali naquelas folhas, naqueles escritos, naqueles desenhos, naquelas trocas de mensagens, que eu queria me encontrar, pois havia fragmentos meus em cada palavra, em cada página, em cada rabisco. Ali toda minha emoção foi despejada em momentos distintos, mas todos importantes nessa minha escalada pelas trilhas do autoconhecimento. Se não me reencontrasse ali, não saberia mais onde procurar!”

Iniciou relendo textos, retirando das gavetas da memória cada situação, cada desejo que deu origem àqueles relatos, e resolveu iniciar se não do seu começo, decerto vago, talvez do seu recomeço, pelo primeiro texto que escrevera, que fora reescrito muitas vezes: dividido, ampliado... mas que ainda assim era o primeiro texto.

A CASA

De longe era branca, e se via uma fileira de Grevílea de cada lado do caminho marcado pelas rodas da carroça. De pertinho, as tábuas eram caiadas com uma mistura meio rosada. A Varanda da frente, toda coberta por vasos feitos de latas ou de velhos utensílios de cozinha que perderam sua função, nos quais havia toda sorte de samambaia, mas onde também se encontrava uma mesma variedade planta-

da em recipientes diferentes. Coisas da mãe. Era onde passavam o tempo, olhando a pacata rua de terra com breves momentos de movimento.

Ainda de madrugada, em época de colheita de café ou algodão, os boias fria iam ao encontro dos caminhões que não lhes ofereciam nenhuma segurança: eles iam em pé, sentados nas laterais ou no assoalho da carroceria. Adultos, jovens, velhos e crianças consideradas em idade de trabalhar rumavam aos sítios e fazendas em busca do seu sustento.

De manhãzinha, as crianças um pouco mais afortunadas iam para a escola, algumas caminhando vários quilômetros...

No meio do dia, uma nova turma de crianças ia naquele sol forte aprender os ensinamentos escolares e por vezes encontravam em algum ponto do caminho aquelas que foram de manhã e estavam voltando.

E no fim do dia “na hora da Ave Maria”, os trabalhadores que madrugaram retornavam para seus lares. Vinham empoeirados, rotos, cansados. Despediam-se uns dos outros na entrada das casas, pensando se haveria um prato suficiente de comida para repor as energias, pensando no balde aguardando no poço para ser lançado ao fundo e que traria a água para o banho, e, por fim, um desejo dolorido de lançar-se à cama, pois no outro dia tudo recomençaria. Sobraria, porém, ainda um tempinho para agradecer a Deus, pela colheita não prejudicada por chuva em excesso ou pela falta desta, o que garantiria uns dias a mais de pratos menos vazios e ainda o pagamento das dívidas nas vendas e na vizinhança que, solícita, havia emprestado alimento nos dias ruins. E quem sabe se não daria para comprar roupas novas para as crianças.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTORA
E-mail: maraoligatti@gmail.com

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em agosto de 2021.
